

“Tudo continuava o mesmo, no entanto, não era o mesmo e, pouco antes de dormir, senti a mesma ansiedade que ainda sinto na véspera de uma viagem longa e complicada.”

**“AMEI ESSE LIVRO. DIVERTIDO,  
TRISTE, DELICADO: PARA QUALQUER UM  
QUE QUEIRA SABER O QUE ACONTECE  
DEPOIS DO ‘FELIZES PARA SEMPRE’.”**

JOJO MOYES, AUTORA DE *COMO EU ERA  
ANTES DE VOCÊ E UM MAIS UM*

**“NICHOLLS É UM ARTESÃO  
DAS PALAVRAS, UM CONTADOR DE HISTÓRIAS  
HABILIDOSO, UM OBSERVADOR PERSPICAZ DOS  
COSTUMES CONTEMPORÂNEOS.”**  
THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

**“A SENSIBILIDADE E A  
COMPREENSÃO QUE NICHOLLS  
TEM DOS SENTIMENTOS  
HUMANOS TORNAM *NÓS* UM  
ROMANCE EXCEPCIONAL.”**

THE INDEPENDENT

**“UMA COMÉDIA ROMÂNTICA  
DIVERTIDA QUE USA A ANSIEDADE  
E O HUMOR PARA REFLETIR SOBRE  
A RESILIÊNCIA.”**

O MAGAZINE

**“UM ROMANCE MADURO.  
A INTELIGÊNCIA E A PERSPICÁCIA  
NA PROSA DE NICHOLLS TORNAM  
OS PERSONAGENS REAIS.”**

OBSERVER

**“DAVID NICHOLLS  
INTERCALA PASSADO E  
PRESENTE COM UMA  
PERFEITA NOÇÃO  
DE RITMO.”**

THE GUARDIAN

**“UM ROMANCE  
DIVERTIDO,  
ESCRITO COM UMA  
APARENTE  
SIMPLICIDADE QUE  
É DIFÍCIL DE SER  
ALCANÇADA.”**

THE TELEGRAPH

**“NICHOLLS DOMINA  
A ARTE DA NARRATIVA,  
RECORRENDO AO PASSADO E AO  
PRESENTE PARA DESENHAR UM  
TODO INTRINCADO.”**

KIRKUS REVIEWS

**“A FAMÍLIA PETERSEN  
VIAJA PELA EUROPA COM MAIS  
BAGAGEM EMOCIONAL QUE MALAS  
NO NOVO ROMANCE DE DAVID  
NICHOLLS, AUTOR DO BEST-SELLER  
*UM DIA*. POUCOS ESCRITORES  
TRATAM DE RELACIONAMENTO  
MELHOR QUE NICHOLLS.”**

PEOPLE

**“UM ROMANCE PUNGENTE  
SOBRE OS ARREPENDIMENTOS  
DA MEIA-IDADE.”**

THE NEW YORK TIMES

**“ÓTIMO LIVRO.  
NICHOLLS É  
MESTRE AO  
NARRAR SOBRE  
RELACIONAMENTOS.”**

ENTERTAINMENT WEEKLY

**“UMA LEITURA COMPULSIVA: UMA HISTÓRIA  
DE AMOR EXTREMAMENTE ENGRAÇADA E  
AINDA ASSIM MELANCÓLICA.”**

THE TIMES

**“GOSTOU DE *UM DIA*? ENTÃO VOCÊ  
VAI ACHAR *NÓS* UM ROMANCE  
ABSOLUTAMENTE FABULOSO. MUITO  
DIVERTIDO E EMOCIONANTE, QUASE  
SEMPRE AO MESMO TEMPO.”**

DAILY MAIL

**“*NÓS* É UM LIVRO SOBRE AMOR, PERDA,  
ALEGRIA, ARTE, CIÊNCIA, CULTURA E  
MUNDO MODERNO. INTELIGENTE,  
COMOVENTE E DELICADO.”**

THE SUNDAY TIMES

**“UM LIVRO QUE  
REFLETE SOBRE COMO  
UM CASAMENTO  
ENVELHECE, COMO OS  
PAIS FALHAM E O QUE  
SOBRA DEPOIS DE  
TODOS ESSES DESAFIOS.”**

THE WASHINGTON POST

**“NICHOLLS CAPTURA COM RARA  
PRECISÃO AS ESPERANÇAS, OS  
MEDOS, OS ACORDOS E AS  
PIADAS BOBAS QUE FAZEM  
PARTE DA NOSSA VIDA. O TÍTULO  
DIZ TUDO. ELE REALMENTE  
ESCREVE SOBRE *NÓS*.”**

DAILY TELEGRAPH

**“APESAR DE TODOS  
OS FARDOS E  
BATALHAS, DOUGLAS  
E CONNIE TÊM  
MOMENTOS DE  
VERDADEIRA  
ALEGRIA EM SEU  
CASAMENTO.  
E MESMO QUE ELES  
NEM SEMPRE SE  
DIVIRTAM, QUEM LER  
ESTE ROMANCE COM  
CERTEZA VAI SE  
DIVERTIR.”**

TIME

Copyright © David Nicholls, 2014

Epígrafe da Parte Sete retirada da página 11 de *Longe da Árvore*, de Andrew Solomon, traduzido por Donaldson M. Garschagen, Luiz A. de Araújo e Pedro Maia Soares, da Companhia das Letras, 2013.

TÍTULO ORIGINAL

Us

PREPARAÇÃO

Ana Resende

REVISÃO

Marcela de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N518n

Nicholls, David, 1966-

Nós / David Nicholls ; tradução Alexandre Raposo.  
– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.  
384 p. ; 23 cm.

Tradução de: Us

ISBN 978-85-8057-703-7

1. Ficção inglesa. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

15-19615

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*David Nicholls*

# Nós

Tradução de Alexandre Raposo





Em memória de meu pai,  
Alan Fred Nicholls





*Só tu me ensinaste que tenho coração — só tu deixaste uma luz intensa para as profundezas e para os picos da minha alma. Só tu me revelaste a mim próprio; pois, sem o teu auxílio, o melhor que teria logrado conhecer de mim próprio teria sido meramente conhecer a minha sombra — vê-la a tremular na parede, e tomar erradamente as suas fantasias por verdadeiras ações minhas...*

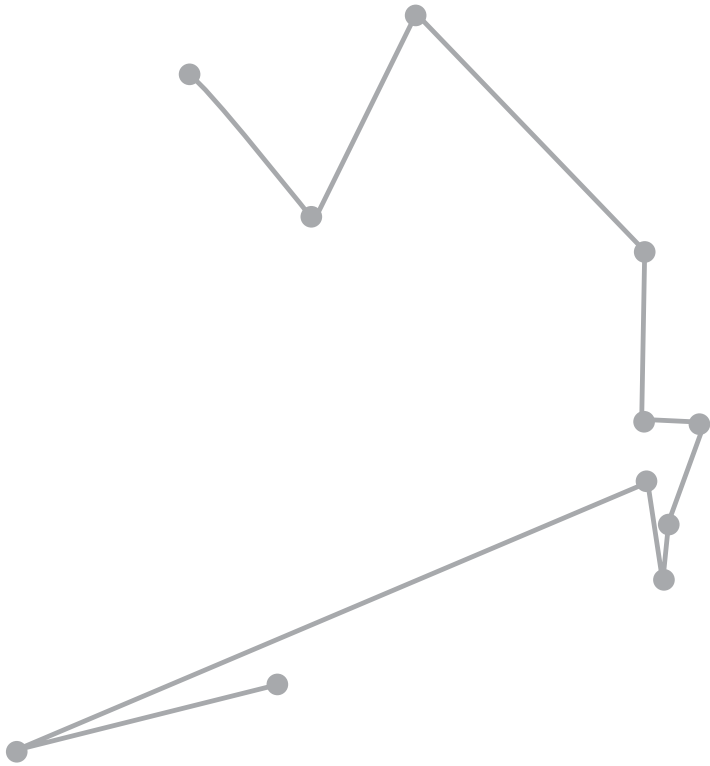
*Agora, caríssima, compreendes o que fizeste por mim? E não é um tanto assustadora a ideia de que uma ou outra diminuta circunstância podiam ter impedido o nosso encontro?*

Nathaniel Hawthorne, carta para Sophia Peabody  
4 de outubro de 1840



LIVRO UM

# o grand tour



PARTE UM

# INGLATERRA

O doce hábito de sua convivência começara a traçar rugas ao redor de sua boca, rugas que pareciam aspas — como se tudo o que ela dissesse já tivesse sido dito anteriormente.

Lorrie Moore, *Agnes de Iowa*



## 1. os assaltantes

No verão passado, pouco antes de nosso filho sair de casa para a faculdade, minha mulher me acordou no meio da noite.

A princípio, pensei que ela estava me sacudindo por causa de assaltantes. Desde que se mudara para o campo, minha esposa desenvolveu a tendência de se sobressaltar a cada rangido, gemido e sussurro. Eu tentava tranquilizá-la. São os aquecedores, eu dizia; são as vigas se contraindo ou se expandindo; são raposas. Sim, raposas levando o laptop, dizia ela, raposas levando as chaves do carro, e ficávamos deitados e ouvíamos mais um pouco. Sempre tivemos o “botão do pânico” ao lado da cama, mas nunca pensei em pressioná-lo, pois o alarme poderia perturbar alguém — um assaltante, por exemplo.

Não sou um homem especialmente corajoso, não sou fisicamente imponente, mas, nessa noite em particular, consultei as horas — passava um pouco das quatro —, suspirei, bocejei e desci. Passei por cima de nosso cão inútil, vaguei por todos os cômodos, verificando janelas e portas e, então, voltei a subir a escada.

— Está tudo bem — falei. — Provavelmente foi apenas ar no encanamento.

— Do que você está falando? — perguntou Connie, sentando-se.

— Está tudo bem. Nenhum sinal de assaltantes.

— Eu não disse nada sobre *assaltantes*. Acho que nosso casamento já deu o que tinha que dar, Douglas. Acho que quero me separar de você.

Sentei-me um instante na beira da cama.

— Bem, ao menos não são assaltantes — falei, embora nenhum de nós tenha sorrido ou voltado a dormir naquela noite.

## 2. douglas timothy petersen

Nosso filho, Albie, sairia de casa em outubro, e, logo depois dele, minha mulher também iria embora. Os acontecimentos pareciam tão estreitamente ligados que não pude deixar de pensar que, caso Albie não tivesse passado nas provas e fosse obrigado a refazê-las, poderíamos ter tido outro bom ano de casamento.

Mas, antes de dizer algo mais a respeito deste e de outros eventos ocorridos naquele verão em particular, devo falar um pouco sobre mim mesmo e pintar uma espécie de “retrato em palavras”. Não deve demorar muito. Meu nome é Douglas Petersen e tenho cinquenta e quatro anos. Notaram o intrigante “e” no final de Petersen? Disseram que era herança escandinava, algum bisavô, apesar de eu nunca ter ido até a Escandinávia e não ter histórias interessantes para contar sobre lá. Tradicionalmente, os escandinavos são justos, bonitos, calorosos e desinibidos, e eu não sou nada disso. Sou inglês. Meus pais, ambos falecidos, me criaram em Ipswich; meu pai era médico, minha mãe, professora de biologia. “Douglas” veio do nostálgico afeto de minha mãe por Douglas Fairbanks, o astro de Hollywood, então temos outra pista falsa aqui. Ao longo dos anos, muita gente tentou me chamar de “Doug”, “Dougie” ou “Doogie”. Minha irmã, Karen, que se autoproclama única possuidora da “grande personalidade” dos Petersen, me chama de “D”, “Grande D”, “D-mais” ou “Professor D” — o qual, segundo ela, seria o meu nome na prisão —, mas nenhum apelido pegou e continuo Douglas. Meu nome do meio, aliás, é Timothy, mas não é um nome que caia particularmente bem em alguém. Douglas Timothy Petersen. Por formação, sou bioquímico.

Aparência. Quando minha mulher e eu nos conhecemos e nos sentimos compelidos a falar constantemente sobre os rostos e as personalidades de cada um, sobre aquilo que *adorávamos* um no outro e toda essa rotina, ela me disse certa vez que eu tinha um “rosto perfeitamente aceitável” e, percebendo a minha decepção, rapidamente acrescentou que eu tinha “olhos muito amáveis”, seja lá o que isso quisesse dizer. E é verdade: tenho um rosto perfeitamente aceitável, olhos que podem muito bem ser “amáveis”, mas que também são do mais castanho dos castanhos, um nariz de tamanho considerável e um tipo de sorriso que faz com que as fotos sejam jogadas fora. O que posso acrescentar? Certa vez, durante um jantar, a conversa se voltou para “quem interpretaria você no filme da sua vida?”. Rimos e nos divertimos muito com as comparações feitas com diversas estrelas de cinema e celebridades da televisão. Connie, minha mulher, foi comparada a uma obscura atriz europeia e, embora tenha protestado — “ela é muito mais bonita e glamourosa” etc. —, dava para ver que ficara lisonjeada. O jogo continuou, mas, quando chegou a minha vez, fez-se silêncio. Os convidados tomaram um gole de vinho e apoiaram o queixo na



mão. Todos nós reparamos na música ao fundo. Aparentemente, eu não era semelhante a nenhuma pessoa célebre ou famosa em toda a história do mundo — ou seja, ou eu era único ou exatamente o contrário. “Quem quer queijo?”, perguntou o anfitrião, e rapidamente mudamos de assunto para os méritos relativos da Córsega em relação à Sardenha, ou algo parecido.

Enfim, estou com cinquenta e quatro anos — já disse isso? — e tenho um filho, Albie, apelidado de “Ovo”, a quem sou dedicado, mas que, às vezes, me olha com puro e concentrado desprezo, enchendo-me de tanta tristeza e desapontamento que mal consigo falar.

Então, é uma família pequena, um tanto escassa, e acho que cada um de nós às vezes acredita que é um pouco pequena demais, e todos gostaríamos que houvesse mais alguém ali para absorver alguns golpes. Connie e eu também tivemos uma filha, Jane, mas ela morreu logo após o parto.

### 3. a parábola

Creio que haja uma ideia amplamente difundida que prega que, até certo ponto, os homens ficam mais bonitos com a idade. Se for assim, então estou começando a minha descendente nessa parábola específica. “Hidrate-se!”, costumava dizer Connie quando nos conhecemos, mas eu tinha tanta vontade de fazer isso quanto de tatuar o pescoço e, conseqüentemente, agora tenho a pele do Jabba, de *Star Wars*. Já há alguns anos fico com cara de bobo quando uso camisetas, mas, atento à saúde, tento manter a forma. Alimento-me com critério para evitar o destino do meu pai, que morreu de ataque cardíaco antes do que parecia o correto. O coração dele “basicamente explodiu”, disse o médico — com inadequado prazer, percebi —, e, conseqüentemente, corro de vez em quando, acanhado, inseguro, sem saber o que fazer com as mãos. Mantê-las às costas, talvez. Eu gostava de jogar badminton com Connie, embora ela tivesse uma tendência a rir e debochar, achando aquele jogo “muito tolo”. É um preconceito comum. O badminton não tem a jovem e executiva arrogância do squash nem o romantismo do tênis, mas continua a ser o jogo de raquete mais popular do mundo e seus melhores praticantes são atletas de classe mundial com instintos assassinos.

— A peteca pode atingir até trezentos e cinquenta e quatro quilômetros por hora — dizia eu para Connie enquanto ela se dobrava sobre a rede. — Pare de rir!

— Mas isso tem *penas* — dizia ela. — Eu me sinto mal batendo nessa coisa com penas. É como se estivéssemos tentando matar um passarinho.

Então, ela ria outra vez.

O que mais? Em meu quinquagésimo aniversário, Connie me deu uma bela bicicleta na qual, às vezes, percorro as alamedas cobertas de folhas, observando a sinfonia da natureza e imaginando o que uma colisão com um veículo pesado faria com o meu corpo. Em meu quinquagésimo primeiro aniversário, ganhei acessórios para corrida, e no quinquagésimo segundo, um aparador de pelos nasais e auriculares, objeto que tanto me choca quanto me fascina, trabalhando dentro do meu crânio como um pequeno cortador de grama. O significado implícito de todos esses presentes era o mesmo: não fique parado, tente não envelhecer, não tome nada como certo.

No entanto, não há como negar: estou agora na meia-idade. Sento-me para calçar as meias, faço barulho quando me levanto e tenho desenvolvido uma enervante consciência de minha próstata, como uma noz enfiada entre as nádegas. Sempre fui levado a crer que o envelhecimento era um processo lento e gradual, o deslizar de uma geleira. Agora percebo que acontece rapidamente, como neve caindo de um telhado.

Por outro lado, minha mulher de cinquenta e dois anos me parece tão atraente quanto no dia em que a conheci. Se eu dissesse isso em voz alta, ela diria: “Que clichê, Douglas. Ninguém prefere rugas, ninguém prefere cabelo branco.” Ao que eu responderia: “Mas nada disso me surpreende. Espero para observá-la envelhecer desde que nos conhecemos. Por que isso deveria me incomodar? É o rosto em si que eu amo, não este rosto aos vinte e oito, trinta e quatro ou quarenta e três anos. É *este* rosto.”

Talvez ela tivesse gostado de ouvir isso, mas nunca cheguei a dizê-lo em voz alta. Sempre achei que haveria tempo e, agora, sentado na beira da cama às quatro da manhã, já não mais atento aos assaltantes, me parece que deve ser tarde demais.

— Há quanto tempo você...?

— Há algum tempo.

— Então, quando você vai...?

— Não sei. Nem tão cedo, não até Albie ir embora. Depois do verão. No outono, no ano-novo?

Finalmente:

— Posso perguntar por quê?

#### 4. a.c. e d.c.

Para que a pergunta e a resposta final façam sentido, algum contexto se faz necessário. Instintivamente, sinto que minha vida poderia ser dividida em duas partes: Antes de Connie e Depois de Connie, e, antes de detalhar o que aconteceu naquele verão, seria útil que eu descrevesse como nos conhecemos. Afinal de contas, esta é uma história de amor. Certamente o amor faz parte dela.

#### 5. a outra palavra com “s”

“Solitário” é uma palavra preocupante que não deve ser pronunciada de modo leviano. A palavra deixa as pessoas desconfortáveis, suscitando todo tipo de adjetivos mais severos, como “triste” ou “estranho”. Sempre fui muito querido, creio, sempre fui benquisto e respeitado, mas ter poucos inimigos não é o mesmo que ter muitos amigos, e não havia como negar que eu era, se não “solitário”, ao menos mais solitário do que eu esperava ser naquele momento.

Para a maioria das pessoas, os vinte anos representam um tipo de nível máximo de sociabilidade, à medida que embarcam em aventuras no mundo real, encontram uma carreira, têm uma vida social ativa e emocionante, se apaixonam e mergulham no sexo e nas drogas. Eu estava ciente de que isso estava acontecendo ao meu redor. Eu sabia das boates, das inaugurações de galerias, dos shows e das manifestações; reparava nas ressacas, nas roupas repetidas vários dias no trabalho, nos beijos no metrô e nas lágrimas no refeitório, mas observava tudo através de uma espécie de vidro grosso. Refiro-me especificamente ao final dos anos oitenta, que, apesar de toda dificuldade e agitação, parecia ser um momento muito empolgante. Muros estavam sendo derrubados, literal e figurativamente; os rostos na política estavam mudando. Hesito em chamar aquilo de revolução ou retratar a

época como um novo alvorecer — estavam ocorrendo guerras na Europa e no Oriente Médio, tumultos e crise econômica —, mas, ao menos, havia uma sensação de imprevisibilidade, um sentimento de mudança. Lembro-me de ter lido um bocado sobre o Segundo Verão do Amor nos suplementos coloridos. Muito jovem para o Primeiro, no Segundo eu estava concluindo o meu ph.D. — sobre interações proteína-ARN e dobramento de proteínas durante a tradução. “O único ácido *nesta casa*”, eu gostava de dizer para os outros no laboratório, “é o ácido desoxirribonucleico”, brincadeira que nunca recebeu a aclamação que merecia.

Contudo, à medida que a década chegava ao fim, evidentemente as coisas estavam acontecendo, ainda que em outros lugares e com outras pessoas, e eu me perguntava se uma mudança também se aplicaria à minha vida, e como eu poderia obter tal resultado.

## 6. *drosophila melanogaster*

O Muro de Berlim ainda estava de pé quando me mudei para Balham. Aproximando-me dos trinta, eu era doutor em bioquímica e morava em um apartamento pequeno, semimobiliado e pesadamente hipotecado em High Road, consumido pelo trabalho e pelo saldo negativo. Passava a semana e a maior parte dos fins de semana estudando a mosca das frutas comum, *Drosophila melanogaster*, para meu primeiro pós-doutorado, especificamente usando mutagênicos em rastreios genéticos clássicos. Aqueles eram tempos entusiasmantes no estudo da *Drosophila*, com o desenvolvimento de ferramentas para ler e manipular os genomas dos organismos, e, profissionalmente, se não pessoalmente, aquele foi um período de ouro para mim.

Agora, raramente encontro uma mosca das frutas fora de uma tigela de frutas. Atualmente, trabalho no setor comercial privado — “a corporação do mal”, como diz meu filho — como Chefe de Pesquisa e Desenvolvimento, um título grandioso, mas que significa que não experimento a liberdade e a emoção da ciência fundamental. Hoje em dia, minha posição é organizacional, estratégica, palavras assim. Financiamos a pesquisa universitária de modo a aproveitar ao máximo a experiência acadêmica, a inovação e o entusiasmo, mas agora tudo tem que ser “translacional”; deve ter alguma aplicação

prática. Gosto do meu trabalho, sou bom no que faço e ainda visito laboratórios, mas, atualmente, sou contratado para coordenar e gerenciar pessoas mais jovens que fazem o trabalho que eu costumava fazer. Não sou um monstro corporativo; sou bom no que faço, o que tem me garantido sucesso e segurança. Mas isso não me empolga mais como antes.

Porque *era* empolgante trabalhar todas aquelas horas com um pequeno grupo de pessoas comprometidas e apaixonadas. Na época, a ciência era estimulante, inspiradora e essencial para mim. Vinte anos depois, aqueles experimentos com moscas das frutas levariam a inovações médicas que nunca poderíamos ter imaginado, mas, na época, éramos motivados por pura curiosidade, quase que por um sentido lúdico. Era apenas fantasticamente *divertido*, e não seria exagero dizer que eu adorava meu campo de trabalho.

Isso não quer dizer que não havia uma grande quantidade de tarefas mundanas envolvida. Os computadores eram temperamentais e rudimentares, pouco mais do que calculadoras pesadas e muito menos poderosos do que o telefone que trago no bolso agora, e a entrada de dados era cansativa e trabalhosa. E embora a mosca das frutas comum tenha muito a seu favor como organismo experimental — fecundidade, curto ciclo reprodutivo, morfologia distinta —, tinha pouco em termos de personalidade. Mantínhamos uma delas como animal de estimação em um insetário no laboratório, dentro de um frasco especial com um pequeno tapete e mobília de casa de bonecas, substituindo-a ao fim de cada ciclo vital. Embora seja difícil determinar o sexo de uma mosca das frutas, nós a/o chamávamos de Bruce. Eis aí o exemplo padrão de Humor Bioquímico.

Tais pequenas distrações eram necessárias porque anestesiar uma população de *Drosophilas* e, em seguida, examinar uma a uma com um pincel fino e um microscópio, procurando pequenas mudanças na pigmentação dos olhos ou no formato das asas é francamente entorpecedor. É um pouco como embarcar em um imenso quebra-cabeça. No começo, você pensa “isso será divertido”, então liga o rádio e prepara um bule de chá antes de perceber que há peças demais, quase todas céu.

Por isso, eu estava muito cansado para ir à festa da minha irmã naquela sexta-feira à noite. E não apenas cansado, eu também estava preocupado, por uma série de bons motivos.

## 7. a casamenteira

Eu estava preocupado com a culinária de minha irmã, que invariavelmente consistia em massa e queijo econômico carbonizado à superfície, com atum em conserva ou carne gordurosa picada escondida sob a crosta derretida. Eu estava preocupado porque festas em geral, e jantares em particular, sempre me pareceram uma forma impiedosa de combate de gladiadores, com coroas de louros agraciadas aos mais espirituosos, bem-sucedidos e atraentes, os corpos dos derrotados sangrando nos assoalhos pintados. Eu achava, e ainda acho, paralisante a pressão para dar o melhor de mim em tais circunstâncias, mas minha irmã insistia em me forçar a entrar na arena repetidas vezes.

— Você não pode ficar em casa pelo resto da vida, D.

— Eu não fico em casa, mal estou aqui...

— Sentado sozinho nesse buraco miserável.

— Não é um... Sou perfeitamente feliz sozinho, Karen.

— Você não é feliz! Não é! Como pode ser feliz, D? Você não é feliz! Não é!

E era verdade que não havia muita alegria em minha vida antes daquela noite de fevereiro, poucas razões para soltar fogos de artifício ou dar socos no ar. Eu gostava dos meus colegas, eles gostavam de mim, mas, de modo geral, eu dizia adeus ao Steve da segurança sábado à tarde e não falava até meus lábios se abrirem com um estalo audível na manhã de segunda-feira, quando eu o cumprimentava com um olá. “Teve um bom fim de semana, Douglas?”, perguntava ele. “Ah, foi tranquilo, Steve, bem tranquilo.” Ainda assim, havia prazer e satisfação em meu trabalho, no jogo de perguntas e respostas mensal em um pub, na cerveja com os colegas nas noites de sexta, e, caso eu ocasionalmente suspeitasse que estava faltando algo, bem... Quem nunca?

Não com minha irmã. Aos vinte e poucos anos, Karen era promíscua em suas amizades e andava com o que meus pais chamavam de “uma multidão de pseudoartistas”: aspirantes a atores, dramaturgos, poetas, músicos, dançarinos, jovens glamourosos perseguindo carreiras impraticáveis que ficavam acordados até tarde e então se reuniam para longas e emocionais xícaras de chá durante todas as horas úteis do dia. Para minha irmã, a vida era um longo abraço coletivo, e parecia que me exibir para os amigos mais jovens a divertia

de algum modo obscuro. Ela gostava de dizer que eu pulara a juventude e passara direto para a meia-idade, que no ventre de minha mãe eu já tinha quarenta e três anos, e era verdade, acho, que nunca tive jeito para ser jovem. Nesse caso, por que ela estava tão desesperada para que eu aparecesse?

— Porque virão *garotas*.

— Garotas? Garotas... Sim, já ouvi falar a respeito.

— Uma garota em particular...

— Conheço garotas, Karen. Já conheci e já falei com garotas.

— Não como essa. Confie em mim.

Suspirei. Por algum motivo, “arrumar uma namorada para mim” se tornara uma obsessão para Karen, e ela perseguia esse objetivo com uma sedutora mistura de condescendência e coerção.

— Você quer ficar sozinho para sempre? Quer? Hum? Você quer?

— Não tenho intenção de ficar sozinho para sempre.

— Então, onde vai encontrar alguém, D? No armário? Debaixo do sofá? Você as cultivará em laboratório?

— Realmente não quero continuar esta conversa.

— Só estou dizendo isso porque te *amo*!

O amor era o alibi de Karen para todo tipo de comportamento exacerbado.

— Reservarei um lugar à mesa para você. Caso não venha, a noite estará arruinada!

E, com isso, ela desligou o telefone.

## 8. massa gratinada com atum

Então, naquela noite, em um pequeno apartamento em Tooting, fui empurrado pelos ombros até uma pequena cozinha, onde dezesseis pessoas sentavam-se amontoadas ao redor de uma frágil mesa de cavaletes, própria para colar papel de parede, com uma das famosas massas de minha irmã fumegando como um meteorito ao centro e cheirando a comida de gato queimada.

— Atenção! Este é o meu amado irmão, Douglas. Sejam legais, ele é tímido!

O que minha irmã mais gostava era de apontar pessoas tímidas e berrar TÍMIDO! Olá, oi, ei, Douglas, exclamaram meus adversários e

eu me retorci em uma pequena cadeira dobrável entre um homem cabeludo e bonito trajando malha de ginástica preta e colete listrado e uma mulher extremamente atraente.

— Sou Connie — disse ela.

— Prazer em conhecê-la, Connie — falei, afiado como um bisturi, e foi assim que conheci minha mulher.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Pensei em pedir que ela me passasse a massa, mas, nesse caso, eu seria obrigado a comer aquilo. Então, em vez disso...

— O que você faz, Connie?

— Boa pergunta — disse ela, embora não fosse. — Acho que sou artista. De qualquer modo, foi isso que estudei, mas sempre soa um tanto pretensioso...

— Nem um pouco — respondi, e pensei, *ai, meu Deus, uma artista.*

Se ela tivesse dito “bióloga celular”, não teria havido como me conter, mas quase não encontro pessoas assim e certamente nunca na casa de minha irmã. Uma *artista*. Eu não odeio arte, não mesmo, mas não gosto do fato de não saber nada a respeito.

— Então... Aquarela ou pintura a óleo?

Ela riu.

— É um pouco mais complicado do que isso.

— Ei, também sou um tipo de artista! — disse o sujeito bonito à minha esquerda, se metendo na conversa. — Sou um *trapezista!*

Não falei muito depois disso. Jake, o sujeito sedoso com malha e colete, era um artista de circo que amava tanto seu trabalho quanto a si mesmo, e como eu poderia competir com um homem que ganhava a vida desafiando as leis da gravidade? Em vez disso, fiquei sentado em silêncio, vendo-a pelo canto do olho, fazendo as seguintes observações:

## 9. sete coisas sobre ela

1. Seu cabelo era muito bonito. Bem cortado, limpo, brilhante, de um negro quase artificial, pontas escovadas para fora na altura das orelhas (“pontas” — é isso mesmo?), projetadas para emoldurar seu rosto maravilhoso. Descrever cortes de cabelo não é o meu forte, me falta vocabulário, mas havia ali algo de estrela de



cinema dos anos cinquenta, o que minha mãe chamaria de “um penteado”, embora também estivesse de acordo com a moda contemporânea. “Moda” — vejam o que estou dizendo! De qualquer forma, senti o aroma de seu xampu e de seu perfume ao me sentar, não porque eu tenha lhe cheirado a nuca como um texugo, eu não faria uma coisa dessas, mas porque a mesa realmente era muito pequena.

2. Connie ouvia. Para minha irmã e seus amigos, “conversa” na verdade significava falar em turnos, mas Connie ouvia o que dizia o nosso trapezista, a mão no rosto, o dedo mínimo descansando no canto da boca. Contida, calma, ela tinha um tipo de inteligência tranquila. A expressão de seu rosto era atenta, mas não totalmente acrítica ou entediada, de modo que era impossível discernir se ela achava algo impressionante ou ridículo, uma atitude que manteve ao longo de todo o nosso casamento.
3. Embora eu a tenha achado encantadora, ela não era a mulher mais atraente à mesa. Ao descrever esses primeiros encontros com a pessoa amada é tradicional, eu sei, sugerir que ela emitia um brilho especial: “seu rosto iluminou a sala” ou “eu não podia desviar o olhar”. Na verdade, eu podia e de fato desviei o olhar, e diria que, ao menos em termos convencionais, ela devia ser a terceira mulher mais bonita da sala. Minha irmã, com sua tão apregoada “grande personalidade”, gostava de se cercar de pessoas extremamente “legais”, mas ser legal e ser gentil raramente andam juntos e o fato de essas pessoas muitas vezes serem terríveis, cruéis, pretensiosas ou idiotas era, para minha irmã, um preço pequeno a pagar pelo glamour que refletiam. Portanto, embora houvesse muitas pessoas atraentes ali naquela noite, eu estava muito feliz por estar sentado ao lado de Connie, mesmo que à primeira vista ela não fosse eferescente, incandescente, luminescente etc.
4. Sua voz era muito atraente — baixa, seca, um tanto rouca, com um sotaque perceptivelmente londrino. Ela o perdeu ao longo dos anos, mas, na época, era definitivamente uma ligeira deglutição de consoantes. Em geral, isso seria um indicador de bons antecedentes sociais, mas não no círculo de minha irmã. Um de seus amigos cockney falava como se administrasse uma barraca de frutos do mar, apesar do pai ser bispo de Bath e Wells. No caso de Connie, ela fazia perguntas inteligentes e sinceras, que, no entanto, tinham um fundo de

ironia e divertimento. “Os palhaços são tão engraçados na vida real quanto são no picadeiro?” — esse tipo de coisa. Sua voz tinha a cadência instintiva de um comediante, e ela, o dom de ser engraçada sem sorrir, o que sempre invejei. Nas raras ocasiões em que contei uma piada em público, eu fazia caretas como um chimpanzé assustado, mas Connie era — e é — inexpressiva. “Então”, perguntou ela, seu rosto, uma máscara, “quando você se lança no ar em direção ao seu parceiro, já se sentiu tentado a, no último instante, fazer isso...”, então levou o polegar ao nariz e remexeu os dedos restantes, e eu achei aquilo simplesmente fantástico.

5. Ela bebia muito, enchendo o copo antes de ele ter esvaziado, como se temesse que o vinho fosse acabar. A bebida não lhe causava efeito discernível, exceto, talvez, uma certa intensidade ao falar, como se exigisse concentração. Connie bebia com despreocupação, com uma arrogância do tipo consigo-beber-mais-que-você. Ela ficava divertida.
6. Ela era extremamente elegante. Não vestia roupas caras ou extravagantes, mas havia algo de *correto* em seu modo de vestir. A moda da época imprimia grande ênfase nas roupas folgadas, dando a impressão de que os convidados ao redor da mesa eram crianças usando as camisetas dos pais. Connie, ao contrário, ficava elegante e refinada com roupas velhas (que eu aprendi a chamar de “vintage”), que eram bem-cortadas, ajustadas e que enfatizavam — sinto muito, peço desculpas, mas não há como dizer de outro modo — suas “curvas”. E era esperta, original, estava à frente da multidão e, ao mesmo tempo, era tão antiquada quanto uma personagem de um filme em preto e branco. Eu, por minha vez, não causava impressão alguma. Na época, meu guarda-roupa ia do marrom-acinzentado ao cinza, todas as cores do mundo dos líquens, e podem ter certeza de que havia calças cáqui no meio. De qualquer modo, a camuflagem funcionava, porque...
7. Aquela mulher à minha direita não tinha absolutamente nenhum interesse em mim.

## 10. o jovem e ousado trapezista voador

E por que deveria? Jake, o trapezista, era um homem que encarava a morte enquanto, na maioria das noites, eu encarava a televisão. Ele

não trabalhava em um circo qualquer, mas em um circo punk que seguia a nova onda de circos nos quais se faziam malabarismos com motosserras, e tambores de óleo eram incendiados e depois espancados sem parar. Agora o circo era sensual; os elefantes dançarinos foram substituídos por contorcionistas nuas, ultraviolência e, como explicou Jake, “um tipo de anarquia pós-apocalíptica com a estética de *Mad Max*”.

— Quer dizer então que os palhaços não dirigem mais aqueles carros que perdem as rodas? — perguntou Connie, o rosto, uma pedra.

— Não! Foda-se isso, cara! Agora os carros *explodem*! Estaremos no Clapham Common na semana que vem. Vou conseguir ingressos para vocês dois, podem aparecer.

— Ah, nós não estamos juntos — disse ela, um pouco rápido demais. — Acabamos de nos conhecer.

— Ah! — assentiu Jake, como se dissesse “isso faz sentido”.

Houve uma breve pausa e, para preencher a lacuna, perguntei:

— Me diga uma coisa, você acha que, como trapezista, é difícil obter um seguro de carro decente?

O percentual varia, mas algumas das coisas que digo não fazem o menor sentido para mim. Talvez eu estivesse tentando fazer uma piada. Talvez eu esperasse emular o tom lacônico de Connie com uma sobrancelha erguida e um sorriso irônico. Se tinha sido isso, não deu certo porque Connie não estava rindo e, sim, se servindo de mais vinho.

— Não, porque eu não digo isso para eles — respondeu Jake com uma arrogância rebelde que era muito anárquica, mas boa sorte com quaisquer futuras reivindicações, grandalhão.

Tendo direcionado a conversa para prêmios de seguro, eu me servi da massa de atum gratinada, queimando o dorso das mãos de Connie com grossos fios de cheddar derretido, quente como lava, e, enquanto ela os removia, Jake voltou ao seu monólogo, estendendo o braço à minha frente para se servir de mais bebida. Sempre que eu pensava em trapezistas imaginava sujeitos corpulentos do tipo Burt Lancaster: lisos, usando brilhantina e vestindo malhas de ginástica. Jake era um sujeito selvagem, coberto de pelos corporais exuberantes da cor de uma bola de basquete, mas ainda assim inegavelmente bonito, forte, uma tatuagem celta circundando os bíceps, um emaranhado de cabelo ruivo e selvagem em um rabo de cavalo feito com um prendedor engordurado.

Quando falava — e ele falava muito — seus olhos brilhavam para Connie, passando diretamente através de mim, e fui forçado a aceitar que estava assistindo a um jogo de sedução descarado. Perdido, peguei a salada rudimentar. Generosamente temperada com vinagre de malte e óleo de cozinha, minha irmã tinha o raro dom culinário de fazer alface ficar com gosto de batatas fritas.

— Não há nada igual àquele momento em que você está no ar — disse Jake, estendendo os braços para o teto —, quando você está caindo, embora quase voando. Você tenta apreendê-lo, mas é... transitório. É como tentar conter um orgasmo. Conhece essa sensação?

— Se conheço? — indagou Connie, impassível. — Estou fazendo isso agora mesmo.

Aquilo me fez cair na gargalhada, o que, por sua vez, fez com que Jake me olhasse de cara feia. Rapidamente, estendi a saladeira corrosiva.

— Alguém quer alface crespa? Alface crespa?

## 11. produtos químicos

A massa de atum gratinada desceu como argila quente, e o monólogo de Jake continuou durante a sobremesa, um pavê de xerez irônico, coberto com creme de leite, confetes e jujubas suficientes para suscitar o surgimento de diabetes tipo dois. Connie e Jake se inclinavam sobre mim agora, os feromônios umedecendo o ar entre os dois, o campo de força erótico afastando minha cadeira cada vez para mais longe da mesa até eu ficar praticamente no corredor com as bicicletas e as pilhas de Páginas Amarelas. Em algum momento, Connie deve ter percebido isso porque ela se voltou para mim e perguntou:

— Então, Daniel, o que você faz?

*Daniel* me pareceu próximo o bastante.

— Bem, eu sou cientista.

— Sim, sua irmã me contou. Ela me disse que você tem ph.D. Em que área?

— Bioquímica. Mas, no momento, estou estudando a *Drosophila*, a mosca das frutas.

— Prossiga.

— Prossiga?

— Fale mais — disse ela. — A menos que seja secreto.

— Não. É que as pessoas não costumam pedir mais. Bem, como eu posso... Certo, estamos usando agentes químicos para induzir mutações genéticas...

Jake gemeu alto e senti algo roçar meu rosto quando ele estendeu a mão para pegar o vinho. Para algumas pessoas, a palavra “cientista” sugere um lunático desvairado, um empregado de jaleco branco de alguma organização fanática, ou um figurante em um filme de James Bond. É evidente que esta era a maneira como Jake me via.

— *Mutações?* — exclamou Jake, indignado. — Por que você faria uma mutação em uma mosca das frutas? Pobre coitada, por que não a deixam em paz?

— Bem, não há nada inerentemente não natural na mutação. É apenas outra palavra para evolu...

— Acho errado mexer com a natureza. — Agora ele se dirigia a todos na mesa. — Pesticidas, fungicidas, acho que são todos maléficos.

Como hipótese, aquilo me parecia improvável.

— Não tenho certeza se um composto químico pode ser maléfico por si mesmo. Pode ser usado de forma irresponsável ou insensata, e, infelizmente, às vezes, isso tem sido o...

— Minha parceira tem um terreno em Stoke Newington. Sua produção é totalmente orgânica e sua comida é maravilhosa, absolutamente maravilhosa...

— Tenho certeza disso. Mas não creio que ocorram pragas de gafanhotos em Stoke Newington, seca anual ou falta de nutrientes no solo...

— Cenouras devem ter gosto de cenouras — gritou ele, um confuso *non sequitur*.

— Sinto muito, eu não entendi bem o...

— Produtos químicos. É tudo por causa desses produtos químicos! Outro *non sequitur*.

— Mas... tudo são produtos químicos. A cenoura é feita de substâncias químicas, esta salada é química. Esta sobretudo. Você, Jake, é composto de substâncias químicas.

Jake pareceu ofendido.

— Não, eu não sou! — disse ele.

Connie riu.

— Sinto muito, mas é, sim — prossegui. — Você tem seis elementos principais, sessenta e cinco por cento de oxigênio, dezoito por cento de carbono, dez por cento de...

— Isso acontece porque as pessoas tentam cultivar morangos no deserto. Se todos comêssemos produtos locais, cultivados naturalmente, sem toda essa química...

— Parece maravilhoso, mas se o seu solo carecesse de nutrientes essenciais, se a sua família estiver morrendo de fome por causa de pulgões ou fungos, você talvez fosse grato a alguns desses maléficos produtos químicos.

Não sei o que mais eu disse. Eu era apaixonado pelo meu trabalho, sentia que ele era benéfico e valioso, e, assim como o idealismo, o ciúme também pode ter exercido alguma influência. Eu beberei um pouco demais e, após uma longa noite sendo alternadamente ignorado e tratado com condescendência, não fora com a cara de meu rival, que era da mesma escola daqueles que pensam que a solução para as doenças e para a fome eram shows de rock melhores e mais longos.

— Há bastante comida para alimentar o mundo, só que está nas mãos erradas.

— Sim, mas isso não é culpa da ciência! Isso é política, economia! A ciência não é responsável pela seca, pela fome ou pelas doenças, mas essas coisas estão acontecendo e é aí que entra a pesquisa científica. É nossa responsabilidade fazer...

— Para nos dar mais DDT? Mais talidomida?

Este último golpe pareceu ter agradado muito a Jake, que lançou um belo sorriso para seu público, encantado que as desgraças dos outros tenham-lhe fornecido um valioso argumento de debate. Aquelas foram terríveis tragédias, mas não me lembro de terem sido especificamente culpa minha ou de meus colegas — todos responsáveis, humanos, decentes, todos ética e socialmente conscientes. Além disso, tais instâncias foram anomalias, se considerarmos todos os extraordinários progressos que a ciência nos legou, e eu tive uma imagem mental muito clara de mim mesmo nas sombras do topo da lona do circo, cortando freneticamente uma corda com um canivete.

Ponderei em voz alta:

— O que aconteceria se, Deus me livre!, você caísse de seu trapézio, quebrasse as pernas e tivesse uma infecção generalizada? Porque, nesse caso, eu adoraria, Jake, eu realmente adoraria ficar ao lado da sua cama com antibióticos e analgésicos fora do seu alcance e dizer, eu sei que você está sofrendo, mas infelizmente não posso lhe dar estes

remédios porque, você sabe, são produtos químicos, criados por cientistas, e eu sinto muito, mas lamentavelmente terei de amputar suas pernas. Sem anestesia!

## 12. silêncio

Perguntei-me se talvez eu não me levava muito a sério. Na esperança de soar apaixonado, acabei parecendo desequilibrado. Havia más intenções no que eu dissera, e ninguém gosta de más intenções em um jantar, pelo menos não más intenções declaradas, e certamente minha irmã não gostou, já que estava olhando feio para mim com o creme escorrendo de sua colher.

— Bem, Douglas, vamos esperar que não chegue a esse ponto — disse ela em um fio de voz. — Mais pavê?

Pior ainda, eu não estava me comportando bem diante de Connie. Embora tivéssemos conversado pouco, gostei muito daquela mulher e queria causar uma boa impressão. Com algum receio, olhei para a direita, onde ela permanecia com o queixo apoiado na palma da mão, o rosto completamente impassível e ilegível e, a meu ver, ainda mais belo do que antes. Então, ela tirou a mão do rosto, colocou-a sobre o meu braço e sorriu.

— Sinto muito, Douglas, acho que eu chamei você de Daniel agora há pouco.

E isso... bem, *isso* foi como uma luz se acendendo.

## 13. apocalipse

*Acho que nosso casamento já deu o que tinha que dar, disse ela. Acho que quero me separar de você.*

Mas estou consciente de ter me distraído e me perdido em tempos mais felizes. Talvez eu esteja dourando a pílula. Estou ciente de que os casais tendem a embelezar o folclore do “como nos conhecemos” com todo tipo de detalhes e significado. Moldamos e sentimentalizamos esses primeiros encontros em mitos da criação para assegurar-nos, e aos nossos descendentes, que aquilo de algum modo “tinha de acontecer”, e, com isso em mente, talvez o melhor seja fazer uma pausa e voltar ao lugar de onde viemos — especificamente àquela noite, um

quarto de século depois, quando aquela mesma mulher inteligente, divertida e atraente me acordou para dizer que achava que poderia ser mais feliz, que seu futuro poderia ser mais completo, mais rico; que, considerando tudo, ela poderia se sentir mais “viva” caso não mais estivesse perto de mim.

— Tento imaginar nós dois aqui todas as noites, sem Albie. Porque ele é de enlouquecer, eu sei, mas é o motivo para ainda estarmos aqui, juntos...

*Ele era o motivo? O único motivo?*

— ...e eu estou apavorada com a ideia de ele sair de casa, Douglas. Estou apavorada com a ideia desse... *vazio*.

*Que vazio? Eu era o vazio?*

— Por que haveria um vazio? Não vai haver um vazio.

— Só nós dois, vagando por esta casa...

— Não vamos vagar! Faremos coisas. Vamos nos ocupar, vamos trabalhar, fazer coisas juntos... Vamos, vamos preencher o vazio.

— Preciso de um novo começo, tipo uma mudança de cenário.

— Você quer mudar de casa? Vamos mudar de casa.

— Não é a casa. É a ideia de você e eu no pé um do outro para sempre. É como... uma peça de Beckett.

Eu nunca tinha visto uma peça de Beckett, mas presumi que era algo ruim.

— Connie, realmente é assim... tão horrível a ideia de você e eu ficarmos juntos sozinhos? Porque pensei que tínhamos um bom casamento...

— Tínhamos, temos. Fui muito feliz com você, Douglas, muito, mas o futuro...

— Então por que você quer jogar isso fora?

— Apenas sinto que, como uma unidade, como marido e mulher, nós encerramos. Demos o melhor de nós, podemos seguir em frente, nosso trabalho está concluído.

— Nunca foi um trabalho para mim.

— Bem, às vezes era para mim. Às vezes parecia trabalho. Agora que Albie está indo embora, quero sentir que isto é o começo de algo novo, não o começo do fim.

*O começo do fim*. Será que ela ainda estava falando de mim? Ela me fez parecer como uma espécie de apocalipse.



A conversa continuou por algum tempo, Connie, exultante com toda aquela sinceridade, eu, inseguro, incoerente, esforçando-me para assimilar o que ouvia. Há quanto tempo ela se sentia assim? Será que estava realmente tão infeliz, tão cansada? Eu entendia sua necessidade de “redescobrir a si mesma”, mas por que ela não poderia se redescobrir comigo por perto? Porque, como ela dissera, nosso trabalho estava concluído.

Nosso trabalho estava concluído. Tínhamos criado um filho e ele era... Bem, ele era saudável. Às vezes, quando pensava que ninguém estava olhando, ele parecia feliz. Era popular na escola e aparentemente tinha certo charme. Ele era irritante, é claro, e sempre parecia ser mais filho de Connie do que meu; eles sempre foram mais próximos, ele sempre fizera parte do “time dela”. Apesar de dever sua existência a mim, eu suspeitava que meu filho achava que a mãe poderia ter encontrado algo melhor. Mesmo assim, será que ele realmente era o único propósito e produto, o único trabalho de vinte anos de casamento?

— Pensei... Isso nunca passou pela minha cabeça... Sempre imaginei... — Exausto, eu estava tendo alguma dificuldade para me expressar. — Sempre tive a impressão de que estávamos juntos porque queríamos estar juntos, e porque éramos felizes a maior parte do tempo. Eu pensava que nós nos amávamos. Eu pensava... Evidentemente eu estava enganado, mas estava ansioso para envelhecermos juntos. Eu e você, envelhecermos e morrermos juntos.

Com a cabeça no travesseiro, Connie se virou para mim e disse:

— Douglas, por que alguém em sã consciência ficaria ansioso por isso?

## 14. o machado

Lá fora já havia amanhecido, uma clara terça-feira de junho. Em breve, nos levantaríamos, fatigados, tomaríamos banho e escovaríamos os dentes juntos na pia, o cataclismo em modo de espera enquanto enfrentávamos as banalidades do dia. Tomaríamos o café da manhã, gritaríamos tchau para Albie e ouviríamos o arrastar de pés e o gemido que passariam como sua despedida. Nos abraçaríamos brevemente sobre a brita do acesso de veículos...

— Não estou fazendo as malas ainda, Douglas. Conversaremos mais.

— Certo. Conversaremos mais.

...então, eu dirigiria até o escritório e Connie iria até a estação ferroviária para pegar o 0822 para Londres, onde ela trabalhava três dias por semana. Eu diria olá para meus colegas, riria de suas piadas, responderia a e-mails, comeria uma refeição leve de salmão e agrião com professores visitantes, ouviria relatos de seu progresso, assentindo e pensando o tempo todo:

*Acho que nosso casamento já deu o que tinha que dar. Acho que quero me separar de você.*

Era como tentar trabalhar com um machado cravado no crânio.

## 15. férias

Consegui, é claro, porque uma exibição pública de desespero teria sido pouco profissional. Meu comportamento só começou a vacilar na última reunião do dia. Eu estava irrequieto, suando, remexendo as chaves no bolso, e, antes da ata da reunião ter sido aprovada, eu já estava de pé, com o telefone na mão, murmurando desculpas, tropeçando em direção à porta enquanto arrastava a cadeira comigo.

Nossos escritórios e laboratórios erguem-se ao redor de uma praça ridiculamente chamada The Piazza, engenhosamente concebida para não receber nenhuma luz solar. Há bancos de concreto hostis em meio a um gramado irregular que fica pantanoso e enlameado no inverno, ressecado e empoeirado no verão, e eu andava de um lado para outro nesse espaço desolado à vista de meus colegas, uma das mãos tapando a boca ao falar.

— Teremos de cancelar o Grand Tour.

Connie suspirou.

— Vamos ver.

— Não podemos viajar pela Europa com isto pairando sobre as nossas cabeças. Qual seria a graça?

— Acho que ainda devemos ir. Por Albie.

— Bem, desde que Albie fique feliz!

— Douglas. Vamos falar sobre isso quando eu voltar do trabalho. Preciso ir agora.

Connie trabalha no departamento de educação de um grande e famoso museu londrino, intermediando programas de extensão para es-

colas, colaborando com artistas em trabalhos planejados e outras funções que não entendo muito bem, e, de repente, eu a imaginei em uma conversa sussurrada com vários colegas, Roger, Alan ou Chris, o pequeno e elegante Chris, com seu colete e seus minúsculos óculos. *Finalmente, eu contei a ele, Chris. Como ele reagiu? Não muito bem. Querida, você fez a coisa certa. Enfim você pode escapar do Vazio...*

— Connie, existe outra pessoa?

— Ah, Douglas...

— É isso então? Você está me deixando por outra pessoa?

Ela parecia cansada.

— Vamos conversar quando chegarmos em casa. Mas não na frente do Albie.

— Você precisa me dizer agora, Connie!

— Não tem nada a ver com outra pessoa.

— É o Chris?

— O quê?

— O Pequeno Chris, o Chris do Colete!

Ela riu, e eu me perguntei como ela podia rir quando eu estava com esse machado cravado no crânio.

— Douglas, você conhece Chris. Eu não sou louca. Não há ninguém, e certamente não é o Chris. Só diz respeito a nós dois.

E eu não tinha certeza se isso melhorava ou piorava as coisas.

## 16. pompeia

O fato era que eu amava a minha mulher de tal forma que achava impossível expressar, de modo que raramente o expressava. Embora não tenha pensado muito a respeito, eu supunha que terminaríamos as nossas vidas juntos. É claro que este é um desejo em grande parte inútil, porque, salvo no caso de um desastre, alguém tem de ir primeiro. Há uma famosa obra em Pompeia — pretendíamos vê-la no Grand Tour que tínhamos planejado para o verão — de dois amantes de “conchinha”, creio ser esse o termo, seus corpos aninhados enquanto a nuvem escaldante e venenosa rolava pelas encostas do Vesúvio e os asfixiava em cinzas quentes. Não são múmias ou fósseis como algumas pessoas pensam, mas um molde tridimensional do vazio por eles deixado ao se deteriorarem. É claro que não há como saber se as duas figuras eram

marido e mulher. Poderiam ter sido irmão e irmã, pai e filha, poderiam ser um casal de adúlteros. Para mim, entretanto, a imagem sugere apenas o casamento: conforto, intimidade, abrigo da tempestade sulfurosa. Não é uma publicidade muito animadora da vida conjugal, mas também não é um símbolo ruim. O final foi horrível, mas ao menos eles estavam juntos.

Contudo, vulcões são raros em Berkshire. E se um de nós tinha de ir primeiro, eu esperava com toda a sinceridade que fosse eu. Tenho noção de que isso soa mórbido, mas parecia ser o caminho certo, a maneira sensata, porque, bem, minha mulher me trouxe tudo o que eu sempre quis, tudo de bom e que valia a pena, e tínhamos passado por muita coisa juntos. Eu achava inconcebível imaginar a vida sem ela. Literalmente assim. Eu não era capaz de conceber.

Então, decidi que não podia permitir que aquilo acontecesse.